

OCCIDENTE

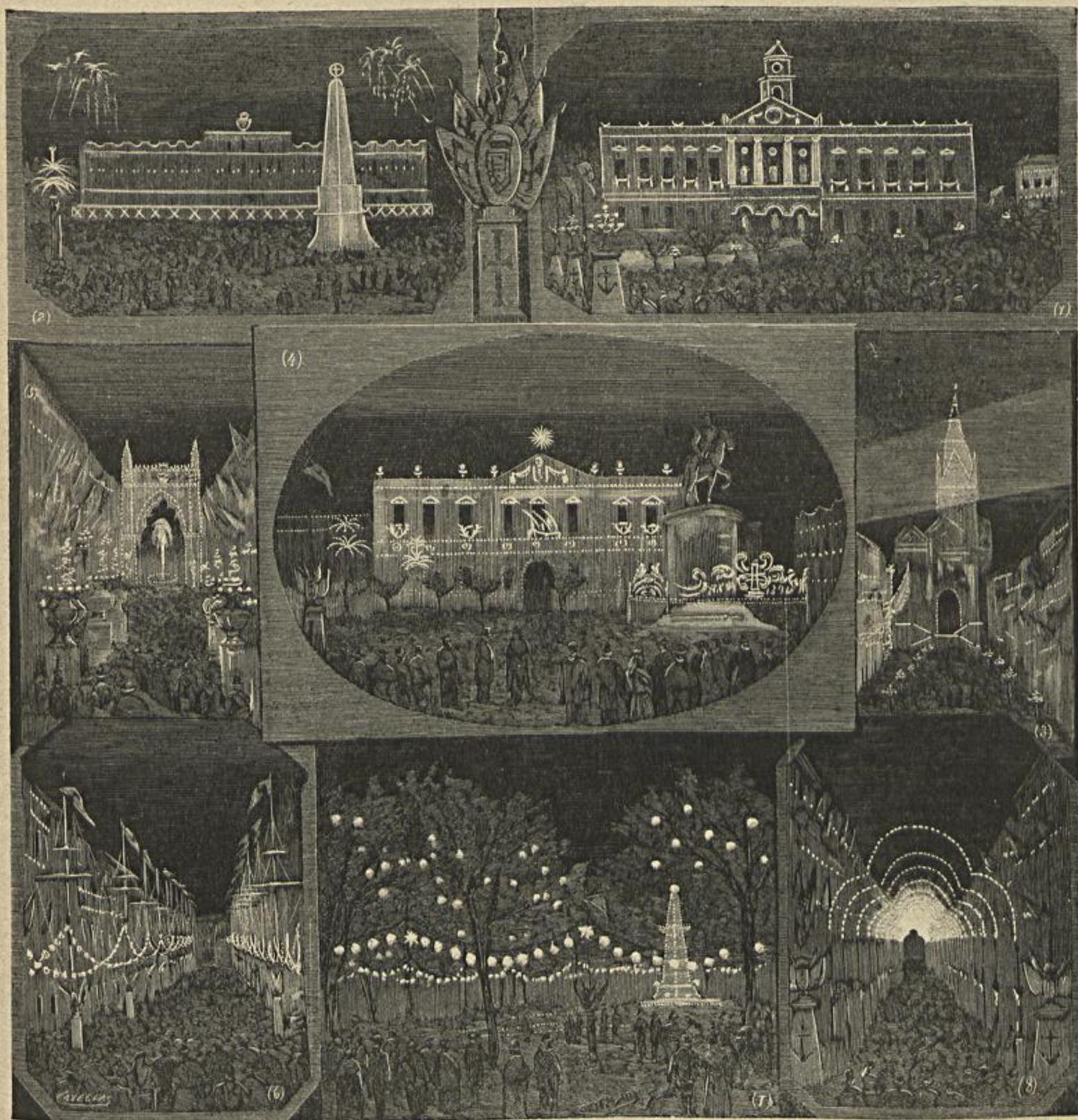
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

21 DE ABRIL DE 1894

XVII Volume — N.º 552

FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



1. Associação Commercial. — 2. Quartel de St.º Ovidio. — 3. Clerigos. — 4. Praça de D. Pedro. — 5. Rua de St.º Antonio.
6. Rua de Mousinho da Silveira. — 7. Praça dos Voluntarios da Rainha. — 8. Rua do Almada,

AS ILLUMINAÇÕES

(Desenho pelo sr. J. R. Christino da Silva)



CHRONICA OCCIDENTAL

A companhia franceza de operetta, de que é *estrella* a sr.^a Montbason e cuja estreia annunciámos na nossa ultima chronica, não tem feito fortuna em Lisboa.

Este *insuccesso* evidentemente firmado nas recitas que a companhia franceza deu no Theatro da Trindade e depois plenamente confirmado nos espectaculos que tem dado no Theatro de S. Carlos, não representa apenas um d'esses desastres de acaso, muito vulgares em questões de theatro, tem mais alta significação, representa, sobre tudo, uma lição de geographia.

É muito vulgar lá fora imaginar-se que a Europa termina nos Pyreneus, e que para *cá dos montes* principia logo a Africa e evidentemente foi essa falsa noção geographica que suggeriu aos empresarios da sr.^a Montbason a tristissima idéa de virem explorar theatro em Lisboa com uma companhia d'ultima ordem, que difficilmente poderá aguentar confronto com a mais insignificante companhia dos nossos theatros populares.

A sr.^a Montbason, sem ser uma celebridade artistica, é uma artista muito distincta no seu genero e individualmente tem agradado muito, mas a sua companhia tem desagradado completamente e tem prejudicado sensivelmente todo o bom trabalho e todo o lisongeiro agrado da illustre actriz.

Demais a mais o repertorio da sr.^a Montbason consta de peças de *ensemble*, cujas responsabilidades não caem apenas sobre uma só figura, de peças todas muito conhecidas do nosso publico e que entre nós tem tido desempenho notabilissimo, tanto em portuguez, como o *Petit Faust*, em que eram extraordinarios a Anna Pereira e o Isidoro, a *Filha da sr.^a Angot* de que ficou memoravel o desempenho do grande Ribeiro no *la Rivaudière*, *Os Sinos de Corneville* em que a Herminia e o Ribeiro eram magnificos, a *Mascotte*, uma das corôas do Leoni, o *Petit Duc*, *M.^{me} Favart* etc. como em francez, em hespanhol, em italiano, por companhias que aqui tem vindo.

Ora por mais notavel que n'essas peças seja o desempenho d'um personagem, por parte da sr.^a Montbason, o desempenho de todos os outros personagens ficando mil leguas a quem do que nós temos visto e ouvido tantas vezes, as peças não podem de modo nenhum agradar, e tudo que houver de bom no trabalho da illustre actriz fica esmagado completamente por tudo que ha de mau no conjuncto do desempenho.

Uma companhia trazer uma *estrella* é muito bom decerto, mas com a condicção do resto da *troupe*, não encher de nuvens o ceu em que essa *estrella* tem que brilhar.

E' caso para applicar o velho proverbio portuguez de que vale mais só do que mal acompanhado, e com certeza a sr.^a Montbason teria muito mais *successo*, sosinha, cantando trechos de operetas, do que representando-as com uma companhia cujo *ensemble* prejudica todo o seu trabalho e prepara a para essas operetas uma queda inevitavel.

Além da companhia ser muito má e como se isso não fosse bastante para o *insuccesso* dos seus espectaculos a empreza lançou mão d'outro recurso para afugentar o publico,—o excessivo augmento de preços.

Querer obrigar o publico a pagar na Trindade, para ver representar mal, operettas suas conhecidas, o mesmo ou mais ainda que semanas antes pagou no theatro de S. Carlos para ouvir o Maurel cantar o *Falstaff* e *Otello* equivale a quererem representar para os bancos.

Ora tudo isto vem evidentemente d'uma falsa noção do que é o publico de Lisboa.

A actriz Favart quando cá esteve ha annos veio com essa mesma falsa noção e sahio lhe caro.

Lembro-me perfeitamente que, uma noite, a Favart despeitada pela frieza com que o publico a tinha recebido, annunciou a um jornalista muito illustre, que ia n'essa noite representar ao gosto do publico de Lisboa.

A peça que se dava era a *Lucrecia Borgia* e a sr.^a Favart começou a represental-a á antiga, com uma cantoria melodramatica, que nos theatros de Paris lhe teria enchido o palco de batatas. Em Lisboa não teve batatas mas teve uma pateada enorme, que lhe mostrou claramente que o nosso publico percebia um pouco mais d'arte, do que ella imaginara.

Na noite immediata a Favart emendou a mão: representou o *Paulo Forestier* á moderna, o melhor que sabia e o publico fez lhe uma ovação calorosa.

Eu bem sei que para o augmento dos preços na Trindade, os impresarios da sr.^a Montbason guiaram-se pelos precedentes da Sarah Bernhart, do Coquelin, da Judic e da Chaumont, mas não se guiaram muito bem, porque o caso não era perfeitamente identico.

Em primeiro lugar a sr.^a Montbason, apesar do seu notavel merito, não tem nome igual ao d'estes artistas, e em segundo lugar as companhias que elles trouxeram cá tinham artistas de muito merito, como o Damala, a Lina Munter, o Noblet, a Chassiang, o Didier, o Pierre Berton e outros.

Resumindo as recitas da Montbason que se annunciavam como um acontecimento theatral de primeira ordem, não foram nada d'isso, não porque a illustre creadora da *Mascotte* não seja uma artista muito distincta, nem porque o publico lhe não faça a justiça devida, mas porque a companhia com que se apresentou é d'uma mediocridade asombrosa, tão assombrosa, que chega ao assombro de exceder tudo o que no genero temos visto, o que já é dizer.

*
* *

E além da companhia da Montbason não tem havido mais novidades nos theatros de Lisboa, a não ser a novidade do *successo* duplo que entre nós está alcançando *Os 28 dias de Clarinha*, *successo* que de noute para noute mais se afirma com as enchentes successivas que tem o theatro da Trindade e o theatro do Principe Real.

Este facto de, ao mesmo tempo, se dar em dois theatros, a mesma peça, não é novo em Lisboa, apesar de não ser frequente.

Que nos lembre deu-se ha muitos annos com um drama phantastico *O anjo da meia noute*, que agradou muito no theatro de D. Maria e ao mesmo tempo no theatro da Rua dos Condes, para onde Francisco Palha fôra com a sua companhia, enquanto se dava principio á construcção do Theatro da Trindade.

Como veem foi ha muitos annos que isto se deu e já nos não lembram particularidades dos dois desempenhos, só nos lembramos de que os papeis principaes da peça, que no theatro de D. Maria eram representados pela Emilia das Neves, Vidal — um galan de muito talento que morreu quando havia muito a esperar d'elle — e Poila, eram desempenhados na rua dos Condes pela Emilia Le-troublon, Tasso e Santos.

Pouco tempo depois o mesmo facto repetiu-se e com as mesmas duas companhias, com a differença de que a companhia da Rua dos Condes estava já representando no theatro da Trindade.

A peça então era *Les diables noirs*, de Sardou, que se dava no theatro de D. Maria, com o titulo *Tentações do demonio*, sendo os principaes papeis desempenhados por Emilia das Neves e João Rosa, e no theatro da Trindade com o titulo de *Tentações diabolicas* e representada por Emilia Adelaide e Tasso.

Recentemente tem-se dado algumas vezes mais este facto, mas com peças já muito vistas e representadas: — deu-se com o *Demi-monde*, representado ao mesmo tempo por Lucinda e Furtado Coelho, no theatro das Variedades e Gertrudes e Santos no theatro de D. Maria, com a *Princesa de Bagdad* princezas se encontraram por vezes no cartaz na mesma noite, representada em D. Maria pela Virginia e nos Recreios pela Lucinda Simões, e ainda ha poucos annos com a *Nitche* que muitas noites se deu ao mesmo tempo — é a mesma traducção — na Trindade pela Lucinda do Carmo e Leoni, no theatro da Avenida pela Pepa e Joaquim d'Almeida.

Com os *28 dias de Clarinha* dá-se porém a coincidência, muito mais rara ainda, de figurarem dias e dias a fio em cartazes de tres theatros de Lisboa — no da Trindade e no Principe Real a mesma traducção e por artistas portuguezes, e no do Real Colyseu, em hespanhol, pela companhia infantil.

Sem sairmos do theatro temos a registar hoje um tristissimo acontecimento, o suicidio d'um artista muito conhecido em Lisboa, o actor Diniz Pinheiro, que perdeu tudo quanto tinha em negocios de theatro, acabando por perder o juizo e n'um momento de allucinação dar cabo de si, deixando na miseria sua mulher e seus filhos.

Diniz era um homem muito novo ainda, um excellent rapaz muito alegre, muito activo, muito trabalhador, muito honrado e que foi em toda a sua vida perseguido por má *estrella*.

Foi essa má *estrella* que o levou a deixar de ser actor escripturador para ser empresario theatral, e o ser empresario foi a sua ruina e a sua morte.

Diniz tinha muito merito como actor e começou no Porto onde tinha muitos amigos e era muito estimado e debutou ha annos no theatro do Gymnasio, sendo muito feliz nos seus *debutes*.

Um dos primeiros papeis que fez foi o do galan comico na *Voz de sangue*, em que agradou immenso.

Do Gymnasio passou á Trindade e ahi esteve muitos annos conquistando sempre as *sympathias* do publico e a estima dos collegas.

Um dia, porém, teve a desgraçada idéa de se fazer empresario e foi para o theatro da Avenida.

Feliz como actor, Diniz foi infelicissimo como empresario, os negocios correram-lhe mal, tão mal que vendo-se arruinado começou a emprender n'isso e as suas faculdades mentaes começaram a transtornar-se.

O suicidio foi o epilogo lugubre d'essa loucura mansa, que já ha certo tempo transparecia nas suas palavras e nos seus modos e era notada pelos seus amigos e companheiros.

Pobre Diniz!

Gervasio Lobato.

AS FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO

(Concluido do n.º 551)

S. MM. dirigira-se para alli a cavallo assistindo a parte das corridas.

A' noite realizou-se no edificio dos Paços do concelho, o jantar offerecido pela camara do Porto aos representantes dos municipios do paiz.

Os lugares de honra eram occupados por El rei e a Rainha, tomando lugar em frente o sr. conselheiro Costa e Almeida, que dava a direita ao sr. conde de Restello, presidente da camara de Lisboa.

O banquete foi de 160 talleres, tomando tambem parte n'elle, varias auctoridades, corporações e representantes da imprensa.

O primeiro brinde foi erguido pelo presidente da camara, conselheiro Costa e Almeida, respondendo El-rei. Brindou tambem pela camara do Porto, o conde de Restello, presidente do camara de Lisboa.

Terminado o jantar, S. MM. retiraram para o paço, de onde sahiram pouco depois para a estação do caminho de ferro em Campanhã.

Foram ahi despedir-se da familia real, todas as auctoridade e corporações, partindo o comboyo, depois da meia noite, no meio de vivas erguidos a S. MM. e AA.

Antes de partir, S. MM. entregaram 700.000 réis ao sr. governador civil para distribuir pelos pobres e por alguns estabelecimentos de beneficencia.

A camara municipal do Porto recebeu saudações, a proposito do centenario, de varias sociedades de geographia estrangeiras.

A commemoração, como se vê, foi em tudo brilhante e digna do illustre principe, á memoria do qual foram dedicadas todas essas demonstrações.

O OCCIDENTE dá a reproducção de varios aspectos das ruas ornamentadas, bem como do cortejo civico e do fluvial, graças ao lapis competantissimo do talentoso artista sr. João Christino da Silva, que aproveitou a sua vinda ao Porto, para fazer alguns desenhos dos festejos.

Tambem o OCCIDENTE apresenta os retratos dos membros da commissão do centenario.

A commissão compunha-se dos seguintes cavalleiros:

Presidente, conselheiro Antonio Ribeiro da Costa e Almeida, presidente da camara municipal e professor do Lyceu Central, homem de muitos conhecimentos litterarios e de raras aptidões administrativas, como o tem demonstrado no desempenho de varios cargos publicos.

Secretario, Francisco José Patrio, ecclesiastico illustrado, orador sagrado geralmente apreciado, tendo por isso mesmo obtido, além de outras distincções, as honras de prégador regio.

Conde de Samodães, presidente da direcção da Sociedade do Palacio de Crystal, par do reino, engenheiro civil e militar, ministro de estado honorario e escriptor de uma vasta erudição, patenteada em numerosas obras e discursos que correm impressos. E' além d'isso um administrador economico do maximo valor.

Vogaes: Augusto Luso da Silva, professor do Lyceu Central, poeta distincto e aaturalista apaixonado.

Bento Carqueja, um dos proprietários e director do jornal *O Commercio do Porto*, cavalheiro de insignes aptidões litterarias e scientificas e doado de um senso jornalístico bem demonstrado pelo modo superior como dirige aquelle importante periodico.

Eduardo Sequeira, escriptor talentoso, dado, sobretudo, a assumptos de horticultura, em que é competantissimo e sobre os quaes tem escripto livros excellentes.

Henrique Kendall, um dos commerciantes mais illustres da praça do Porto.

Tem escripto muito sobre assumptos mercantís, sendo inclusivamente consultado pelo conselheiro Veiga Beirão, quando este tratava de organizar o actual Codigo Commercial, para dar opinião sobre alguns pontos do mesmo Codigo.

Fernando Maia, capitão de cavallaria. Esteve durante bastantes annos em commissão no levantamento da planta da cidade do Porto e é actualmente professor da Escola do Exercito. É um espirito muito esclarecido e competente, sobretudo em assumptos militares.

Ao zelo, assiduidade e improbo trabalho dos membros d'esta commissão se deve incontestavelmente a magnificencia das festas, e a excellente elaboração do programma d'ellas.

R.

FERNANDO CALDEIRA

I

Mal sabia eu quando, ha coisa de dois annos, aqui, n'este mesmo lugar escrevia a correr, alegremente, com o coração a trasbordar de alegria pemente, com o enorme successo d'um dos meus amigos mais queridos e dos mais queridos companheiros de trabalho, um artigo para acompanhar o retrato de Fernando Caldeira, posto em evidencia e coberto de gloria pelo grande exito da *M. drugada*, que tão cedo me encontraria outra vez aqui a escrever outro artigo para acompanhar o retrato d'esse grande poeta e d'esse grande amigo, mas agora, grande poeta e d'esse grande amigo, mas agora, escrevo-o com as lagrimas a saltarem-me pelos olhos, e com o coração a trasbordar de tristeza e de saudade!

Mal o sabia eu e mal o sabia toda a gente, porque a organização robusta de Fernando Caldeira, a sua saúde de ferro, o seu rijo e sadio temperamento de provinciano, que contrastava tão singularmente com a delicadeza excepcional do seu talento e do seu coração, não deixava prever nem advinhar o triste fim que já tão proximo vinha.

Fernando Caldeira era um forte, e depois dos quarenta annos tinha tido a vaccinal-o, para a velhice, uma d'essas doenças graves que de ordinario, quando vencidas, são prognostico de longevidade.

Fernando estivera doente semanas entre a vida e a morte com uma pneumonia aguda, de que o salvaram o seu robusto organismo, e a dedicação e a sciencia d'um medico illustre que foi d'elle ao mesmo tempo um amigo devotadissimo, o dr. Pimento. A morte apalpara-o e fôra-se embora, a saúde voltou e voltara com uma exuberancia, que se diria saúde para dar e vender.

Depois d'essa quasi resurreição, Fernando Caldeira parecia que rejuvenescera.

A saúde que voltara viera juntar-se a felicidade que lhe dava uma alegria enorme, expansiva, como nunca lhe tinhamos conhecido.

De ha muitos annos que Fernando Caldeira vivia em Lisboa sosinho, isolado, durante os invernos, pois a sua familia vivia sempre na provincia e só nos mezes de verão é que elle ia juntar-se aos seus, para Agueda, para a Borralha, para a Graciosa, para Espinho.

Ultimamente, já ha uns poucos d'annos, Fernando vivia n'uma casa da rua do Passadiço, sosinho com uma creada velha, que lhe era muito dedicada, tão dedicada que essa dedicacão casada com a ignorancia em que a pobre velha vivia das coisas litterarias, dava as vezes historias engraçadissimas.

Um dia Fernando Caldeira reparou ao jantar que a sua velha estava muito zangada e de muito mau humor.

— O que tem você hoje? perguntou-lhe elle com aquella bonhomia que lhe era tão caracteristica.

— Não tenho nada, disse ella com um modo que contradizia flagrantemente as suas palavras.

— O que é, mulher, diga: você tem alguma coisa?

— É que o senhor tem uns amigos frescos! tornea ella não podendo já guardar aquillo, que desdela pela manhã lhe andava a rominar lá por dentro.

— Amigos frescos?

— Sim, senhor, mette os cá em casa, senta os á sua mesa, e elles depois vão lá para fóra dizer nos jornaes como são os copos que o sr. tem cá em casa.

O pobre Fernando Caldeira ficou muito admirado.

— Não dizer para os jornaes como são os meus copos?

— Sim senhor, o sr. ainda não leu o *Correio da Manhã* de hoje? Leia e verá. Esse tal Pinheiro Chagas foi um sujeito de lunetas que jantou cá hontem, não foi?

— Foi, respondeu o Fernando pegando no *Correio da Manhã*.

O *Correio da Manhã* publicava n'esse numero um artigo de Pinheiro Chagas a respeito d'uns versos de Fernando Caldeira, e referindo-se ao originalissimo talento do poeta, escrevia que elle era um dos que podia dizer com verdade, que era de vidro o seu copo mas que só pelo seu copo bebia.

E a boa da velha, coitada, tomára a coisa ao pé da letra e offendera-se gravemente tomando a referenda a Musset por uma bisbilhotice de hospede pouco bem educado!

O Fernando Caldeira saboreava com regalo estas pequeninas historia, e a boa da velha fornecia-lhe ampla provisão d'ellas!

Mas, voltando á rua do Passadiço e fechando este parenthesis alegre, que a minha memoria me trouxe no meio de tantas recordações tristes: — A casa onde morava o Fernando Caldeira era mesmo defronte do palacio dos condes de Penamacor.

Um dia, que fui jantar com o Fernando, encontrei-o d'uma alegria desusada.

Disse-lhe:

— Estou muito contente hoje, estou, confessou-me elle. Vae começar para mim uma vida nova. Aluguei hoje a casa ali defronte para os meus sobrinhos.

O Fernando, extremosissimo pela familia, tinha uma amisade enorme, uma verdadeira adoração paternal, por uma sua sobrinha, que casára havia pouco, com o sr. visconde de Ottolmi.

Essa sobrinha vinha morar para defronte d'elle, quasi que para a mesma casa — era somente atravessar a rua — e essa vida intima de familia, vindo cortar a monotonia do seu isolamento, enchia-o d'uma alegria doida.

Mezes depois, o grande successo da *Madrugada*, o seu enorme triumpho theatral, o exito brilhante do seu trabalho querido, a sua consagração ruidosa e definitiva de auctor dramatico, veio completar a sua felicidade. Fernando entrara no periodo mais alegre, mais feliz da sua vida, e era isso mesmo que o remoçava.

Estava escripto, porém, que havia durar pouco, como as coisas boas, essa boa coisa, e a fatalidade, como que por um requinte de crueldade, quiz dar a Fernando Caldeira todas as venturas para depois lhe fazer sentir muito mais a catastrophe que preparava, quiz fazer-lhe ter a visão do paraíso para depois mais amargamente chorar o seu paraíso perdido.

A queda foi terrivel, tão terrivel que não pode resistir a ella!

A morte inesperada de sua sobrinha veio annihilalhe toda a sua vida, veio transformar-lhe a sua extrema ventura n'um martyrio sem nome!

Em um anno d'esse martyrio envelheceu vinte annos, pobre Fernando Caldeira!

A primeira vez que o vi depois d'essa medonha catastrophe, foi ao mesmo tempo a ultima que lhe fallei! Encontrei-o á porta do palco de D. Maria. Eu entrava e elle sahia.

Não lhe fallava ha mais d'um anno.

— Não posso estar aqui, disse-me elle; incomoda-me este ruido todo, esta gente alegre que conversa e que ri. Vou a fugir, anda comigo.

Famos passear para a Avenida, sósinhos. Estivemos a conversar mais de tres horas.

Elle contou-me toda a sua catastrophe, lembrou-se perfeitamente da conversa que tinhamos tido á sua janella, no dia em que elle alugára para os sobrinhos a casa fronteira, dos planos alegres de vida feliz que estivera fazendo.

— E tudo se foi! Tudo se desmanchou! Tudo se annihilou! E no fim da vida, toda a minha vida desfeita! E sem forças para recomeçar!

E as forças faltaram-lhe; não se enganava!

Separámo-nos combinando ir de vez em quando passar com elle uns dias a Bemfica, ao seu isolamento!

D'ahi a cinco dias adoei, e a doença impediu-me de cumprir a minha promessa.

Um dia, o medico que me tratava, um amigo intimo — o dr. Korth — disse-me que tinha sido chamado pelo Fernando Caldeira e que o tinha ido ver.

— E então?

— Está muito mal. Receio muito uma tuberculose.

Fiquei como que fulminado. Nunca vi o dr. Korth enganar-se nos seus prognosticos.

— Então morre? perguntei-lhe.

— Pode ser que não, respondeu-me elle, mais para me animar do que convencido. Pode ser que se consiga amparar-lhe a vida uns tempos.

Por dias houve esperanças, realmente, de se conseguir isso; manifestaram-se certas melhoras, como que um estacionamento.

Uma noite, porém, correu em Lisboa a noticia d'elle ter morrido.

Corri a informar-me.

A noticia era verdadeira, como o são sempre as más noticias.

(Continúa)

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

A RENDIÇÃO DOS INSURRECTOS

Offerecemos hoje aos nossos leitores mais outra noticia subjectiva aos acontecimentos no Brazil e que tão grande anciedade tem provocado, pelo caracter interminavel que esta lucta ia adquirindo. A rendição dos insurrectos foi motivada, como na maioria das collisões identicas, pela fome. O governo do marechal Floriano já tomou posse dos navios rebeldes e dos fortes de Ville-gaignon e da ilha das Cobras, pontos importantes que dias antes os marinheiros insurrectos haviam abandonado. Foram estes, que em numero d'uns quinhentos, pouco mais ou menos se refugiaram nas ilhas das Enxadas e de Paquetá, onde foram aprisionados. Quasi todos os officiaes, excepto alguns medicos de marinha se refugiaram em navios estrangeiros.

Como, por noticias mais a tempo, os leitores sabem, o almirante Saldanha da Gama acolheu-se á protecção portugueza, refugiando-se na corveta *Mindello*.

A causa da rendição do almirante Gama, segundo informações mais dignas de credito, é explicada no seguinte: que a situação de Saldanha da Gama, se tornára muitissimo perigosa e precaria com a saída do Rio de Janeiro dos couraçados, cujo commando era feito por Custodio de Mello e ainda mais critica estava depois que o marechal Peixoto comprára aos Estados-Unidos os novos navios com que extraordinariamente augmentou as suas forças.

Durante os ultimos tres mezes reconheceu Saldanha da Gama, que o bom exito da sua causa dependia de ganhar tempo, pois os fortes tomados pelos insurgentes e a esquadra só podiam manter-se seguramente com o auxilio que os reforços vindos do Sul lhe ministrasse, pois que se contava que no Rio Grande, o general Saraiva d'accordo com Custodio de Mello fazia grandes progressos.

É porém certo, que a vinda das tropas se não fez tão breve como era mister, para que chegasse a tempo de salvar o almirante Gama. Impossibilitado assim, como estava, com uma reduzida esquadra sem poder forçar a sahida do porto, e isto pela enorme desigualdade das forças do governo, só lhe restava o render-se. no que praticou um acto de humanidade para não sacrificar n'uma lucta tão desigual os seus irmãos d'armas.

Esperava-se que o marechal Peixoto accedesse com alegria a rendição de Saldanha da Gama, pois que as suas propostas feitas por intermedio do commandante do nosso navio de guerra *Mindello*, além de serem muito accetaveis, representavam uma completa capitulação de todas as forças rebeldes. As condições propostas eram: a entrega de parte a parte dos prisioneiros, a garantia das vidas dos soldados e marinheiros e a permissoão da saída do almirante e seus officiaes para territorio estrangeiro, sob a protecção da bandeira portugueza.

Recusou, e com espanto geral. Floriano Peixoto taes propostas, impondo a condicção de que o almirante e a sua gente se rendesse á discrição; isto fez suppôr que uma serie terrivel de execuções e outros castigos se seguiria e o que nos levava a acreditar mais este nefando proposito, é o

FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



CONDE DE SAMODÃES



CONSELHEIRO ANTONIO RIBEIRO DA COSTA E ALMEIDA



AUGUSTO LUSO DA SILVA



BENTO CARQUEJA



PADRE FRANCISCO JOSÉ PATRÍCIO



CAPITÃO FERNANDO MAIA



HENRIQUE KENDALL



EDUARDO SEQUEIRA

A COMISSÃO PROMOTORA DAS FESTAS

bombardeamento desnecessario depois das propostas feitas por Saldanha da Gama, sobre os fortes e navios prestes a capitular.

O almirante não teria tão facilmente cessado a lucta se tivesse alguma esperança de poder resistir, assim tambem o governo se deveria limitar a acabar a guerra no Rio de Janeiro, fortificar a barra e o porto contra algum ataque e nada mais, pois, que a capitulação dos insurrectos lhe deu uma superioridade naval indiscutivel.

V. LOVETT CAMERON

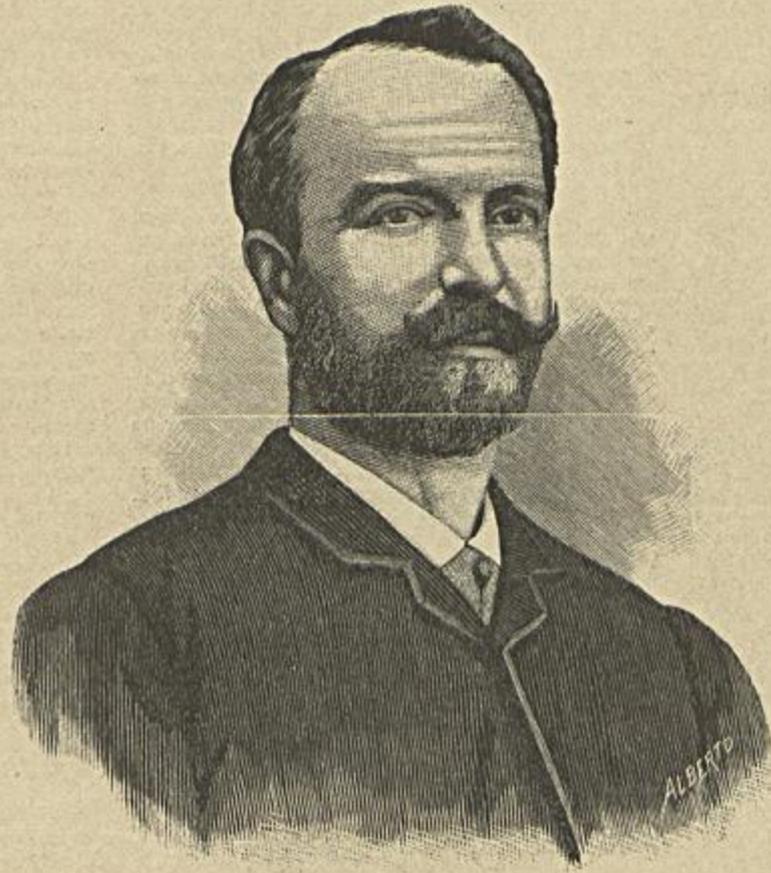
Vamos no estylo biographico.

Nasceu Verney Lovett Cameron em 1 de julho de 1844 e entrou ao serviço da marinha de guerra ingleza no anno de 1857.

Em Inglaterra chamavam-lhe simplesmente Lovett.

Foi tenente em 1865, commandante em 1876, sendo reformado no posto de capitão de mar e guerra no anno de 1883.

A sua vida de africanista, pôde dizer-se, começou na campanha da Abyssinia quando terminara o cruzeiro das Antilhas ou Indias Orientaes, o do Mediterraneo e o do Mar Roxo. Junto com sir Bartle Frère foi em missão especial ao Zanzibar, d'ahi a cegreira de que os portuguezes faziam escravatura, e o porquê do *Across' Africa*. Em 1872, reco-



FERNANDO CALDEIRA -- FALLECIDO EM 2 DO CORRENTE

(Copia de uma photographia)

nhecido o genio activo do tenente Cameron, pelo governo da graciosa magestade, que attendeu conjuntamente a illustração e valor d'este official, foi nomeado chefe da expedição mandada em soccorro de Livingstone.

Parte de Begamoyo em março de 1873, chegando a Unyanyembe, em agosto, onde encontrou alguns homens da comitiva de Livingstone, conduzindo os restos mortaes d'este conhecido explorador africano, em rumo á costa oriental. O tenente Cameron envidou todos os seus esforços, conseguindo que o cadaver de Livingstone chegasse ao litoral sem inconveniente; em seguida, e cumprido este dever, parte de Ujiji onde encontrou importantes documentos pertencentes a Livingstone, entre elles uma notavel planta, o que tudo remetteu cuidadosamente para o sultanato de Zanzibar.

Foi n'esta occasião que Lovett Cameron fez o importante estudo em que se prova, que o lago Tanganica não está ligado ao rio Nilo, como se acreditava.

Cameron, como depois o confirmou Stanley, entendeu sempre que o Lualaba era a continuação do nosso Zaire ou Congo, isto no sentido de Oeste para Leste.

Estava resolvida a travessia.

Dirigiu-se Cameron em rumo mais para o sul, chegando a Benguella em 7 de novembro de 1875, donde regressa a Inglaterra.

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



A RENDIÇÃO DOS INSURRECTOS

(Copia de uma photographia)

Em 1878 emprehe de viagem na Índia, por terra, com o fim de estudar o traçado de um caminho de ferro de Constantinopla a Bagdad; n'esta comissão percorre, Cameron, a Syria e a Mesopotamia.

Quatro annos depois, acompanha Ricardo Burton (o mesmo a que tão brilhantemente e referiu, ha pouco no OCCIDENTE, o indefesso escriptor Pinheiro Chagas) á costa occidental africana, e por bastante tempo viaja n'esta parte do mundo, na Asia, e na Europa.

Cameron prestou incontestavelmente valiosos serviços á sciencia, e tornou-se universalmente conhecido pelos livros que publicou e pelas viagens que emprehe de; sobre assumptos africanos era reconhecido como verdadeira auctoridade.

As sociedades de geographia de Londres, Lisboa e Paris concederam-lhe as suas medalhas de ouro, e o fallecido rei de Italia, Victor Manoel, conferio-lhe uma medalha especial.

A rainha de Inglaterra e imperatriz das Indias, o imperador da Allemanha, o rei de Portugal e o rei da Belgica, todos recompensaram Cameron com provas de estima e valiosos presentes que hoje adornam as suas vivendas de Londres e Souburg onde, ultimamente, falleceu de um desastre occorrido em uma caçada, perto de Leighton Buzzard.

Tivemos occasião, por mais de uma vez de fallar com Lovett Cameron. Era um humorista.

Um exemplo.

Sobre a nossa questão com o governo de Napoleão III, quando este indevidamente mandou buscar ao Tejo a barca *Charles et George*, considerada *boa presa* por isso que fôra apanhada em flagrante delicto de escravatura, estavam no porto de Lisboa fundiados alguns navios de guerra inglezes, a cuja guarnição pertencia o nosso biographado.

O almirante inglez escolheu Cameron, que apenas tinha quinze annos, por fallar bem francez, afim de ir a bordo do navio almirante d'aquella nação. A incumbencia era grave; por isso que os inglezes, no officio que mandaram aos francezes, consideravam *casus belli* qualquer tentativa de bombardeamento sobre Lisboa.

Cameron subiu para o portaló, entrou no convez do francez e entregou ao almirante o officio do commandante da esquadra britannica.

O francez leu o *ultimatum* e fez um aceno de cabeça, como quem diz que estava sciente e que o portador podia retirar-se. O moço guarda marinha ficou ainda, o que, impacientando o almirante francez, obrigou o a dizer seccamente:

— Pretende mais alguma coisa?

Ao que Lovett Cameron respondeu serena e delicadamente:

— Sim, meu almirante, desejo prevenir a v. ex.ª de que ao primeiro tiro que mande disparar contra a cidade, teremos a honra de metter a v. ex.ª no fundo com todos os seus navios.

*
*
*

A viagem mais notavel de Verney Lovett Cameron, e a que tornou o seu nome geralmente conhecido entre os portuguezes, foi aquella que tinha por fim encontrar Levingston e para que fôra nomeado em 1872.

Encontra o corpo de Levingston em 1873, faz com que este embarque para Inglaterra, e Cameron segue para Oeste em direcção á nossa Angola, chegando a Benguella em 7 de novembro de 1875, onde foi encontrado, nos arredores, como morto e levado a casa de Cauchoix. Passou tanta fome que chegava a fumar *cachimbo para entreter o estomago*, como elle o disse. Como estava em possessão portugueza, encontrou todo o auxilio necessario.

Esgotadas as notas biographicas, agora vamos por estrada nossa Alguns jornaes de Lisboa, quando se referiram ás palavras que proferi em sessão de 2 de abril corrente, na Sociedade de Geographia de Lisboa, aprovando o voto de sentimento pela morte de Cameron, entenderam que eu repudiava o que havia escripto no OCCIDENTE n.º 477 do vol. xv.

Nunca fiz erratas. Penso, estudo e depois escrevo. O que eu disse na referida sessão, e posso repetir o em toda a parte, é, que deante d'um tumulto cessam todas as luctas.

Considerarei sempre Verney Lovett Cameron (C. B. D. C. L.) como homem de sciencia, mas como foi injusto com os portuguezes, *embora por leviandade*, eu não podia estimar o homem.

Além d'isto, o *Accross Africa* ferira tudo que ha de mais caro no homem de sentimento — o coração!

É certo, porém, que, seguidamente ao bestial *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, até vir a Lis-

boa fazer uma conferencia no mesmo salão onde fallei, Cameron, em Inglaterra, não descansava: conferencias, artigos nos jornaes inglezes, refutações sobre tudo que offendesse a verdade ou o melindre dos portuguezes; — elle esteve sempre na brecha em nosso favor e contra os homens da sua propria Patria.

No mesmo n.º 477 do anno de 1892, diziamos:

«... Cameron, ha dias, em plena sessão solemne da Sociedade de Geographia de Lisboa, perante a sua illustrada direcção, deante do sr. ministro da marinha, dos representantes da Inglaterra, Austria, Russia e Belgica, troça de um modo desopilante das filaucias colonisadoras do rei dos belgas, cae a fundo sobre o governo inglez que, como governo de uma potencia colonial, não tem feito senão tolices (*betsies*), e declara-nos o primeiro povo civilizador e colonizador da Africa austral!!...»

«Muito bem, sr. Cameron, disse verdadeiras perolas, que nós não sabemos como pagar-lhe. Nunca é tarde para o arrependimento.»

Seguia a conferencia de Cameron, e, apenas no fim do nosso artigo, vinham estas palavras que só confirmam o que temos dito.

«... O sr. Cameron devia esta reparação a Portugal. Eu vi com os meus olhos o estado em que elle chegou a Benguella da sua ultima travessia; o sr. Cameron, se não fosse a benevolencia, a dedicação dos portuguezes em Africa, que lhe salvaram a vida e curaram a doença, nunca teria ensejo de escrever um livro que tão *inglezmente* nos tretou. Por isso, repetimos, foram verdadeiras perolas as palavras do illustre inglez.»

Ora, francamente, quando fallámos na sessão de 2 de abril, na assembléa geral da Sociedade de Geographia de Lisboa, nada mais fizemos do que cumprir um dever, prestando homenagem á memoria do homem illustre pelo seu talento e sciencia, e que viera, depois de incontestaveis serviços á causa portugueza, fazer um acto de contricção de erros que tanto nos tinham magoado. *Je suis un converti*, disse Cameron na sessão de 14 de maio de 1892.

E nós, aqui, com muita razão, repetiremos as palavras com que terminámos, na sessão de 2 de abril corrente, pedindo um voto de sentimento pela morte de Cameron.

«Folgo muito de fazer a declaração de que, afinal, Cameron foi um amigo dos portuguezes.»

Manuel Barradas.

POESIAS DIVERSAS

A epopéa das navegações portuguezas

Era o Mar Tenebroso um pelago insondavel
Um pavoroso abysmo, um barathro implacavel
De monstros e dragões...

Quando o mago condão de vara feiticeira
Trocou todo esse horror por luz hospitaleira
De esplendidas visões.

Ao Tenebroso Mar succede o azul do Atlantico:
As filhas de Nereu no festival de um cantico
Vêm risonhas saudar

D'aquella aurora o brilho; e d'ora-áante as perolas
Borbulharão a flux por entre as ondas cerulas...
De ilhas coalhado o mar!

Quem pois quebrar ousou tamanho incantamento?
O intrepido quem foi, que, no impeto violento
De ardente inspiração,
Poz peito a resolver impresa de gigantes,
Realisar logrando os sonhos deslumbantes
Do divino Platão?

Quem foi o audaz? Quem foi? Quem foi o illuminado
Que, n'um rapto feliz de heroe predestinado,
O mar assubrou?

Quem foi o semi-deus de magestosa fronte
Que do incognito mundo ao rutilo horizonte
O escuro veu rasgou?

Co'o — *talant de bien fere* — o Infante aventure-
so...

Eis quem d'esta epopéa o inicio luminoso
Quiz na Historia insculpir!
Das Quinas o pendão trémula sacrosanto
Pela amplidão do Oceano: a Atlantide entretanto
Vai das aguas surgir...

Já vassalagem rende ao Sacro Promontorio
O fero Adamastor do Cabo Tormentorio
Por sobre o argenteo mar...

Presente se já perto — a lyra sonora —
Que do inclito Camões a patria portentosa
Virá glorificar.

Xavier da Cunha.

Esposa, Filha e Mãe

Passou por mim n'um dia venerando
Um grupo que em minha alma ainda hoje brilha:
Uma linda creança hia guiando
Um velho cego e triste.
Ao vêr como o guiava, eu disse: existe
O santo amor de filha.

L'epopea delle navigazioni portoghesi

Era il Mar Tenebroso un mare impenetrabile,
Un abisso pauroso, un baratro implacabile
Di mostri e di dragoni...

Lor quando la virtù di magica bacchetta
Cambiò cotanto orror in una luce eletta
Di splendide visioni.

Al buio mar succede il turchin dell'Atlantico:
e le Nereidi allor nell'allegria d'un cantico
Vengono a salutar

Di tal luce il fulgór: e gemme peregrine
In copia appariranno in quelle onde azzurrine...
D'isole ingombro è il mar!

Chi mai sciogliere osó si poderoso incanto?
L'intrepido chi fu che, nell'impeto santo
D'ardente ispirazion,
S'accinse ad una impresa, impresa da gigante,
Di dar corpo a quei sogni a cui credè costante
Il divino Platon?

Chi fu l'audace? Chi? Chi fu l'illuminato
Che, in un felice ardir d'eroe predestinato,
Il mare assoggettó?
Chi fu quel Semideo di mäestosa fronte
Che d'un ascoso mondo il fulgido orizzonte
A tutti noi sveló?

Col — *Talant de bien fere* — è il Prence avventu-
roso

Che di epopea si grande il principio glorioso
Nei Fasti imprimir fa!
Giá svéntola dei Re Lusi il vessillo santo
Lungo il vasto Ocean: l'Atlantide frattanto
Dall' onde emergerà.

Giá al Sacro Promontorio omaggio fa l'iroso
E fiero Adamastor dal Capo Tormentoso
Sopra l'argenteo mar...

Giá si presente il suon della lira armoniosa
Che del sommo Camões la patria portentosa
Verrá a glorificar.

Prospero Peragallo.

Sposa, Figlia e Madre

Vidi in un dì per me ognor venerando
Un gruppo che umidir fé le mie ciglia:
Una vaga fanciulla iva guidando
Un vecchio cieco e triste.
Visto come il guidava, io dissi: esiste
Il santo amor di figlia.

Annos depois — não sei como nem quando —
Encontrei o botão já feito rosa...
Fitava o meigo olhar, que mal esconde
Thesouros de meiguice,
N'um homem, por tal forma que quem visse
Diria: — Amor de esposa —.

Encontro-te hoje a mesma, apenas vejo
Novos cuidados que ao teu rosto vêm,
E ao vêr com quanto amor tu dás um beijo
N'um sêr que tens ao peito
Digo: Bemdito Deus, que assim te ha feito
— Esposa, filha e mãe —.

Luiz de Campos.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero 547)

São numerosas as peças dramaticas relativas a Iñez de Castro, e em muitas linguas, além da nacional. Seria não só prolixo, mas impossivel para mim dar-lhe a bibliographia completa de todas; e com a critica litteraria de cada uma, ainda mesmo das que tenho, faria um grosso volume em vez d'uma carta. Tenho aqui, sobre a minha mesa de estudo, algumas tragedias portuguezas: a *Castro de Quita*, a *Iñez de Manuel de Figueiredo*, a *Nova Castro de Gomes*, a *Tragedia de Dona Iñez de Castro* de Nicolau Luiz e a *D. Iñez de Castro* de Julio de Castilho, assim como a *Iñez de Castro* de Lamotte, traduzida por José Pedro d'Azevedo e Sousa da Camara. Conheço-as todas, e admiro os excellentes chòros e a metrificacão concisa e energica de Ferreira, o delicado remate de Figueiredo, a sensibilidade de Quita e Gomes, os preciosos labores classicos de Castilho; mas não é por isso menos verdadeira que dizia Garrett da falta d'uma tragedia, verdadeira tragedia como a pede este assumpto.

«A Iñez de Castro, com o ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda trataram poetas, e por isso todos ficaram atraz do Camões, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar dando-lhe mais interesse.» Esta observacão de Mr. John Adamson (*Memoirs of Camoens*) é citada e corroborada por Garrett, quando diz (na *Memoria* dirigida ao Conservatorio) que é singular condiçãõ dos factos e characteres que ornãõ os nossos fastos serem tantos d'elles, quasi todos, de extrema e estreme simplicidade, de maneira que as figuras, grupos ou situações da nossa historia, ou mesmo da nossa condiçãõ, que para aqui tanto vale, parecem mais talhados para se vasarem ou moldarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se juntarem nos quadros menos impressivos, ou bora talvez mais animados do drama novo, ou para se entrelaçarem nos arabescos do moderno romance.

São estas quasi que as palavras do grande mestre, e n'isto se afasta da opiniãõ de muitos que ateimam em classificar no drama o assassinato de Iñez. E soh este proposito vou-lhe dar uma novidade, annexando a esta minha carta alguns trechos d'um drama que Garrett deixou incompleto, acompanhados do plano fundamental da obra e da relaçaõ dos personagens que n'ella haviam de figurar, ¹ São ineditos, e copiados com fidelidade do manuscrito que vem citado no *Catalogo* publicado no tomo XXII das suas *Obras*. ² Ainda que curtos, e por isso de pequena significacão litteraria, tem alto merecimento pela sua origem e filiaçãõ.

Ha em Garrett a mesma qualidade que distinguu Camões, o amor da patria. Revela este sentimento em toda a sua opulenta litteratura, e principalmente no theatro. Vemol-o resuscitar no *Alfageme* a gloria de Aljubarrota e no *Auto* a pompa bysantina de D. Manuel. *Frei Luiz de Souza* é quasi uma elegia, um echo plangente da

Dopo alcuni anni — non so come, o quando —
Incontraí quel bottón già schiuso in rosa...
Fissávan gli occhi suoi, male occultando
Di tenerezza abissi,
Un uom per forma tal, che tosti io dissi:
È casto amor di sposa,

T'incontro or quella stessa, sol soggiaci
A nuove cure in opere leggiadre,
E al vedèr l'amor grande con che baci
Un bimbo ch'hai tu al petto,
Ringrazio Dio, che ti fé esempio eletto
Di sposa, figlia e madre.

Prospero Peragallo.

derrota de Alcacer, *Filippa de Vilhena* o grito energico do escravo que despedaça as algemas. Nos fragmentos que se seguem transparecem as mesmas tendencias patrioticas que se desenvolveriam plenamente se elle conseguisse rematar o drama.

(Continúa)

A. A. da Fonseca Pinto.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

IX

(Continuado do numero 551)

Correram alguns annos.

Em 1651, D. Luiza Cordovil, tendo completado trinta e dois annos, fechou enfim os olhos á sua angustia de 10 annos successivos, e morreu abençoando o filho Pedro Luiz, unica consolaçãõ que ficára á sua alma infeliz e viuva. No anno seguinte, D. Joanna de Almeida, abalada a sua decrepitude por aquelle novo desgosto, seguiu a sorte da filha.

O padre Lopo, ao ver desaparecer á volta de si tantos affectos necessarios á sua boa alma, teve um instante de desanimo, desejando sinceramente ver-se tambem prostrado por esse tufãõ de desgraça que lhe deixara a casa vazia. Mas depois, o natural encargo de proteger o sobrinho orphãõ, reanimou-o; e pouco a pouco foi concentrando todos os sentimentos da sua alma generosa — delicado mixto de saudade e esperança — na affeicão com que envolveu o neto de sua irmã.

Apenas a velha D. Joanna tinha fallecido, o padre escrevera ao sobrinho primogenito, Ruy Cordovil de Lencastre, que casara em Madrid com a filha de um general hespanhol, afim de vir tomar posse definitiva do morgadio e mais bens que possuia em Portugal, dizendo-se velho e cansado para continuar na administraçãõ da casa.

Ruy demorou quatro mezes a resposta, e ao fim d'elles appareceu subitamente em Silgueiros, pondo em alarme a parentella que admirava o ar gentilhomesc e superior com que elle pisava as salas, exhibindo orgulhosamente a formosura da esposa, uma bella asturiana, a quem tinham ennobrecido com o glorioso nome de Ximena, e que trazia a documentar o poder magico dos seus grandes olhos negros, tres duzias de corações de frade se fidalgos, traduzidos em redondilha hespanhola com muitos suspiros e muita mythologia.

Houve um momentaneo renascimento de vida na casa de Silgueiros; Ruy Cordovil, passada a epocha de luto, ordenou peguenos trabalhos no interior do palacio, afim de tornal-o mais confortavel, e abriu periodicamente os seus salões ao convivio alegre da parentella convizinha.

As senhoras, a principio, divertiam-se muito com a prima D. Ximena, que ia aprendendo difficilmente o portuguez e creava ás vezes hilariedades inconvenientes com o vocabulario de phantasia que arranjava com frequencia, para remediar as falhas da memoria. Isto, comtudo, não impediu que a estimassem ciosamente; e os bardos que afinavam a lyra dos seus extases entre os compassos difficeis da galharda e do minuet, não deixaram de saudar o seu anniversario com saudações lyricas, onde o nome da festejada resplandecia como a rosacea de um templo gothico batida por um sol de apothese.

O padre Lopo, entre aquelles tumultos, sentia tristezas subitas que lhe avivavam mais saudosa-

mente a recordaçãõ das venturas calmas que fruira entre aquellas paredes, ao lado dos que amava; desgostava-o a indifferença frivola que percebia n'aquelle sobrinho Ruy, ha tanto tempo ausente, que ainda não tivera sequer uma palavra de interesse pelo pequeno Pedro Luiz, pela irmã fallecida, pelo cunhado, sabendo, aliás, todos os pormenores do drama que annuviara aquella casa.

Creado n'um ambiente sereno, quasi affastado do mundo, o filho de D. Balthazar soffrera tambem uma sensaçãõ desagradavel com aquella brusca mudança de vida que a chegada de seu tio Ruy operara. A sua organizaçãõ formada doentiamente entre carinhos de mulheres, sem um estimulo viril que lhe desenvolvessem o corpo e retemperassem o espirito embebido em morbidezas femininas, com o adeantar dos annos ia denunciando no seu character certas tendencias de mysanthropia, desprendimentos singulares ante a miragem de uma existencia prometida no fausto da corte, o nome aureolado de gloria... e um dia, que o padre Lopo fallava n'isto, exaltando as tradições do seu sangue, o pequeno, então com treze annos, teve esta phrase:

— Então eu não hei de ser padre como o tio?
— E porque queres tu ser padre?
— Por nada, pensei...

O velho, depois d'este dia, começou a reflectir que o prazer da solidão, natural na sua velhice, poderia ter talvez um contagio nocivo para aquella creança que elle presava como o continuador e representante da mais nobre alliança da sua familia; e dessimuladamente começou a impurral-o a expansões, a desenvolver-lhe sympathia pelos convivios mundanos, sonhando fazer d'elle um d'esses hellos cavalleiros de tradiçãõ, bravos e generosos, fieis ao seu rei e á sua dama.

Mas a índole do pequeno era inteiramente adversa ás exterioridades do mundanismo; amava os grandes isolamentos, e nunca trocava sem custo a companhia monotona do padre Lopo, pelas festas ruidosas com que seu tio Ruy frequentemente lisongeava os vinte e cinco annos meridionaes da esposa.

Assim corria o tempo, quando, certa manhã de junho, uma liteira parou á porta dos Cordovis de Lencastre, e um velho de fronte marcial e nobre perguntou pelo padre Lopo de Almeida.

O bacharel em canones, surprehendido com o caso, pois o laçãõ annunciara-lhe «um fidalgo desconhecido», desceu cautelosamente ao patim, a espreitar; mas apenas descobriu o visitante, desceu precipitadamente, tropeçando na batina:

— Oh, senhor conde! V. S.^a em Vizeu?

Era o conde de Val-de-Bouro.

— É verdade! — respondeu o velho fidalgo. — De passagem para o Minho, torci um pouco a jornada, para lhe communicar certas coisas de gravidade... Se fôr caso que vossa mercê ainda as não conheça!

Subiram a larga escadaria do palacio, e, caminhando, o conde perguntou com affecto:

— E o meu neto continua forte?

Nem muito. Tem uma organizaçãõ muito delicada, aquelle rapaz... Sempre triste.

— Cedo começa?...

E como n'aquelle momento, Pedro, inadvertido, vinha ao encontro do tio padre, julgando-o só, o bacharel exclamou:

— Ah! o tem v. s.^a! Anda cá, menino, vem beijar a mão ao teu avô.

Pedro teve uma visagem de alegria, e saltou aos braços do velho, que o estreitou commovido. Dois annos antes, ainda em vida da mãe, o pequeno passara todo o verão na companhia do avô em Val-de-Bouro, e desde então ligara sempre uma doce ternura á recordaçãõ do generoso velho, pae de um pae que elle não conhecera...

Ruy Cordovil, prevenido da visita illustre que honrava a sua casa, invervou á pressa o gibão das cerimoniaes, avisou D. Ximena, e sahio a receber o velho conde com todos os passos e todas as medidas da pragmatica.

Detiveram-se largo tempo palestrando. Ruy, n'essa noite, quiz dar um baile em honra do sogro de sua fallecida irmã; mas o velho oppoz-se tenazmente, dizendo-se enfermo e portanto incapaz de excessos e alterações de regimen. D. Ximena ainda insistiu, modificando o plano do baile em um jantar para a dia seguinte, com o apparatus solemne de toda a parentella... Mas o conde ratificou as razões que dera a Ruy; e tudo o que puderam obter, foi a transferencia da partida, que elle queria realisar n'essa tarde, para d'ahi a dois dias, com a condiçãõ da sua hospedagem ser considerada como a de um velho familiar adverso a cerimoniaes.

N'aquelle mesma noite, os dois velhos reuniram-se em conferencia secreta, como em Lisboa, n'um afastado gabinete da casa.

¹ Ao genro do eminente poeta o ex.^{mo} sr. Carlos Guimarães, assim como ao ex.^{mo} sr. Domingos Rodrigues Grillo, agradeço muito penhorado o obsequio que indirectamente me fizeram com a copia e remessa d'estes fragmentos.

² Este *Catalogo* diz a pag. XVI: V. IGNEZ DE CASTRO. Drama em tres actos. Projecto do Dramã e rascunho das primeiras scenas do primeiro Acto.

Parece que não é a tragedia que elle phantasiava na sua critica, porque o assumpto é até posthumo, isto é posterior ao assassinato.

E apenas todas as precauções foram tomadas, o conde de Val-de-Bouro exclamou de chofre:

— Então já sabe que o Balthazar tornou a casar?

O padre teve um movimento brusco, como ferido á traição.

— O que diz v. s.ª? — balbuciou, por fim.

— A verdade. Aquelle monstro!... — e o conde cerrou os punhos, n'um gesto desesperado de rancor.

— Mas aonde foi isso? Lá, em Amsterdã?

— Sim, sim! E sabe com quem casou elle?...

Se aquillo se chama casamento!... Não sabe?... Pois foi com essa maldita judia!

— Com a Gaya? — fez o padre, assombrado.

— Isso mesmo!

O bacharel ficara gelado de surpresa. Aquillo parecia-lhe monstruoso, inqualificavel! E o seu olhar spamado tinha uma immobildade cadaverica.

— Que perdição! Que perdição! — exclamou afinal, levando as mãos á cabeça.

O conde teve uma visagem convulsa:

— Que maldição, digo eu!

Quantas vezes tenho perguntado a mim mesmo, porque é que um tal filho veio envenenar a paz da minha velhice, quando eu nada fiz para merecer esta expiação. Veja vossa mercê que raça degenerada e infame virá entroncar em mim, na casa de Val-de-Bouro, se essa damnada feiticeira gera algum filho no excommungado ventre!...

Houve um momento de silencio. Afinal, o conde, serenando um pouco, explicou:

— A mim, quem me trouxe a noticia foi um parente que ha pouco regressou de uma missão diplomatica na corte de Haya. Felizmente deu o segredo em um homem honrado e discreto... Porque, o caso succedeu com todas as aggravantes vergosonhosas... Imagine vossa mercê: o Balthazar abjurou a santa religião catholica, p'ra casar com a tal bruxa que Deus confunda!

O padre Lopo apertava idiotamente a cabeça com ambas as mãos; para o seu pasmo todas as palavras eram frouxas, destoantes: apenas sons roucos que deviam ser exclamações, sahiam da sua garganta com um esforço que parecia asfixial-o. Aos seus olhos embaciados, embaciados já pelos sopros da velhice adiantada, aquelle episodio extraordinario, nunca pensado realisavel, estava lhe dando a visão doentia de uma derrocada enorme, á qual só elle sobrevivesse para chorar o seu desespero.

— Um filho meu, tornado! — clamava o conde doloridamente. — Um neto de heroes que pelejaram nas Cruzadas, e espalharam sobre o barbarismo dos povos as doutrinas do Redemptor; o descendente de uma stirpe real de bravos; — ir-se misturar na arraia vilã do povo maldito, esquecendo a fé com que foi creado, os deveres do seu sangue, tudo, tudo! Veja vossa mercê que maldição fadou o nascimento do meu ultimo filho!

— Que perdição, que perdição! — repetia idiotamente o padre Lopo.

A mesma concentração dolorosa emmudeceu por largo tempo os dois velhos. Por fim, o conde de Val-de-Bouro rompeu de novo o silencio, com a voz lenta quebrada de desanimo:

— Este desgosto tirou-me o ultimo calor á vida. Sahi de Lisboa com tenção de nunca mais lá voltar, senão reclamado por deveres na corte; o tumulto da cidade parece que exacerbava a minha dor... Agora vou para Val-de-Bouro, esperar a morte entre as velhas paredes do meu solar. Deus felizmente poupou á condessa minha mulher, este desgosto. (D. Leocadia de Tovar, tinha fallecido seis annos antes). E aqui estou pedindo-lhe, ao

menos por algum tempo, a companhia de meu neto...

— V. S.ª quer levar Pedro para Val-de-Bouro.

— «Quero» não: desejava. Não me esqueço que a sua amizade tem mais direitos do que a minha.

— Direitos, não... V. S.ª é avô...

— Um avô que apparece só de annos a annos, perde os direitos naturaes. Mas socegue; vejo que lhe custa separar-se do pequeno... Irei só.

— Não, senhor; não consinto...

— N'esse caso venha tambem vossa mercê. Quando se aborrecer, voltará. Penso que o não prendem graves interesses á vida que aqui tem...

— Nenhuns, a não serem os do Pedro; mas isso é facil de remediar. Deixarei a pessoa de confiança o encargo.

— Então resolvamos isso. Só se o senhor Ruy Cordovil... A proposito; eu não fallei de estas coisas do Balthazar, diante de elle, porque me parece melhor restringir quanto possivel o numero das pessoas que estão na posse do segredo.

opposições, que já não impressionam ninguem, porque afinal todos se servem dos mesmos meios e nenhum está nos casos de atirar a primeira pedra.

Com corrupção ou sem ella o que se evidencia, no acto eleitoral, é que meta'de dos eleitores de Lisboa não vota o que faz suppôr que delega aquelle direito na outra metade que vota, e n'estes casos o triumpho é sempre grande para os que vencem, porque se deve suppôr que venceram pelos que votaram e pelos que não votaram.

Sendo certo que as opposições empregam sempre todos os meios de que dispoem, indo á urna com todas as suas forças, não se póde admittir que percam um voto sequer dos seus partidarios e amigos, por isso devemos sempre considerar a victoria dos governos grande.

Algumas folhas republicanas descompoem os eleitores que não votaram no seu partido, chamando-lhe corruptos, que venderam o voto e outras coisas feias.

A ser assim, todas as coisas feias que as folhas republicanas dizem, devem entender-se com os seus proprios partidarios, por serem estes que se deixaram corromper e venderam o voto, pois é claro, (ainda segundo as theorias das ditas folhas) que, se os eleitores que votaram no governo o fizerem por corrupção, porque se venderam, votaram contra as suas idéas, e n'este caso eram republicanos, porque se fossem monarchicos, não era preciso corrompel-os, nem comprar-lhe o voto para votarem no governo monarchico.

Ou isto é logico ou não ha logica.

Já se vê, pois, que a critica apaixonada e inreflectida dos republicanos, tem d'estas contradicções, que fazem cahir pela base todas as declamações com que pretendem mascarar a sua derrota eleitoral.

Olhando, porem, o acto eleitoral, serenamente, sem paixões, analysando os factos com a imparcialidade, que n'esta revista sempre temos mantido, não podemos deixar de nos intrestecer, pelo abandono em que mais de metade dos eleitores de Lisboa, deixaram a urna, continuando a indifferença, que vem de tantos annos, a manifestar-se, apesar das circumstancias exceptionaes em que a nação se encontra ha quatro annos a esta parte.

Quizeramos que todos os cidadãos que tem voto o manifestassem na urna, que essa grande porção de indifferentes sahi-se da indolen-

cia em que está e viesse perante a urna lavrar tambem a sua sentença a favor ou contra o actual estado de coisas, e então se poderia saber se o paiz está satisfeito ou descontente com o governo e regimen que o rege, e isto seria uma prova muito mais positiva que todas as declamações que para ahi se fazem contra o estado actual.

Mas porque não acontecesse assim, devemos suppôr, (segundo aquelle dito de que «quem calla consente») que os que não votam delegam esse direito nos que votam e pensam portanto, como estes, ou são completamente indifferentes a tudo que se passa?

É difficil responder a esta pergunta, porque reamos ter de aceitar a idéa de que e maioria dos eleitores é effectivamente indifferente, e essa indifferença ser um dos peiores symtomas da nossa decadencia politica, que nos leva á perda da nossa nacionalidade.

Eis a triste conclusão que nós tiramos do que se acaba de passar com as ultimas eleições.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 39 — Lisboa



O EXPLORADOR V. LOVETT CAMERON

FALLECIU EM 5 DE MARÇO DE 1894

— Sim, sim, pensou V. S.ª acertadamente. De mais, meu sobrinho Ruy é um frivolo a quem não convem confiar coisas de tanta importancia.

Tres dias depois, o Conde de Val-de-Bouro, seu neto, e o padre Lopo de Almeida, seguiam para o alto Minho.

(Continúa.)



REVISTA POLITICA

Já vimos tarde para ganhar alviçaras das eleições que se realisaram no dia 15 do corrente, mas como temos que registrar aqui o que de mais importante vae occorrendo na politica portugueza, pouco nos importa que a estas horas todas as tubas da imprensa governamental tenham apregoadado a victoria do governo, ao mesmo tempo que os jornaes da opposição vão reeditando todos os clichés que tem de reserva para estas occasiões, declamando contra a corrupção e torpezas praticadas no acto eleitoral.

São tão conhecidos estes processos criticos das